

PODE-SE CULTIVAR UMA ESPIRITUALIDADE SÁDIA SEM PERTENCER A UMA IGREJA

"Assistir dos corpos às almas". De que sofrem as almas?

Na realidade, gosto mais de falar de coração do que de alma. Como conceito, parece-me mais entranhável e mais em sintonia com a tradição bíblica. O coração sofre de solidão, de falta de compreensão, de perdas (e há tantos tipos!), de sede de sentido, de culpa perante os próprios erros, de indignação perante a injustiça. O coração é o altifalante da consciência e da interioridade humana.

Talvez pudéssemos dizer que enquanto "o corpo" dói, o coração sofre. Este sofrimento é provocado, por vezes, por causas físicas e outras por estímulos psicológicos, afectivos, sociais e espirituais.

O sofrimento do coração é um indicador da nossa humanidade. É um sinal da nossa vulnerabilidade, mas também da nossa fortaleza, da nossa capacidade de ser sensíveis perante os nossos próprios limites e os alheios.

Que terapias da alma?

A terapia para o coração é a relação. A arte de escutar, compreender e transmitir compreensão a uma pessoa, permite que esta se sinta em comunhão, saia da sua solidão, drene a sua angústia, procure sentido e faça paz.

Todos deveríamos ser "alfaiates" para ajudar os outros a "coser" os "rotos do coração" que se produzem pela vulnerabilidade humana. Todos deveríamos ser "pontífices", criadores de pontes para os demais, para enlaçar as obscuridades com as luzes, as dificuldades com os recursos. A relação tem essa capacidade: a de por em conexão a vulnerabilidade humana com as nossas próprias potencialidades e as dos demais para enfrentar as dificuldades que encontramos na vida.

Poderíamos dizer que a terapia mais importante para o sofrimento

PERFIL

Nasceu em Tordesillas, Valladolid, em 1963. É religioso camiliano, mestre em bioética e doutor em Teologia de Pastoral da Saúde. Actualmente, dirige o Centro de Humanização da Saúde e a Escola de Pastoral da Saúde Nossa Senhora da Esperança da Federação Espanhola de Religiosos da área da Saúde. Publicou vários livros sobre temas relacionados com a saúde, a acção social, a teologia e a bioética. Também dirige o mestrado em "Assessores Pessoais" (especialistas em counselling) e a pós-graduação em Residências e Serviços para Idosos da Universidade Ramón Llull. É conferencista e professor em distintas universidades espanholas e hispano-americanas.

do coração é o amor, que toma o nome de solidariedade para com o próximo, de empatia, com todas as suas implicações concretas a grande escala e na proximidade com as pessoas marcadas pelo desejo de caminhar juntas no meio do sofrimento humano.

Num mundo multicultural, como atingir uma assistência integral?

A atenção holística é um desejo dos modelos modernos de intervenção e assistência. Num mundo multicultural requer-se uma particular atenção ao modo distinto como cada pessoa experiencia a sua própria vida e a sua própria vulnerabilidade.

Por isso, temos de estar atentos à dimensão física da pessoa, mas também à intelectual, à relacional, à emotiva, à social e à dimensão espiritual. Além disso, temos de nos considerarmos a nós mesmos agentes da saúde, como pessoas em sentido integral.

Existe o risco de pensar a assistência integral como uma mera intervenção técnica sobre a totalidade da pessoa do outro, esquecendo que nós somos iguais a ele – na diversidade – isto é, esquecendo todas essas dimensões da pessoa em nós mesmos. Nós, os agentes da saúde, somos pessoas, não apenas o são os destinatários dos cuidados. Este é o novo conceito de holismo.

Em todo o caso, a multiculturalidade levanta também questões éticas: como conduzir as relações de ajuda quando a escala de valores do ajudante e do ajudado são distintas. Respeitar as diferentes escalas de valores é uma necessidade; mas por vezes verificamos que se podem vulnerar os direitos humanos nesse acto ou não respeitar a dignidade intrínseca à pessoa. Sem dúvida, lança-nos o repto de nos deixar interpelar pela diversidade e repensar o objecto das relações de ajuda.

A Igreja Católica tem sido um factor potenciador ou inibidor da assistência espiritual?

A tradição católica centrou a espiritualidade na dimensão re-

ligiosa. Hoje assistimos ao surgimento de espiritualidades diversas, inclusive laicais.

Quando a espiritualidade é "capturada" totalmente pela dimensão religiosa podemos correr os riscos da monopolização da mesma, de redução e de empobrecimento. A vida espiritual ultrapassa a dimensão religiosa. Por isso, hoje, a Igreja Católica tem o desafio de encarnar-se e enriquecer-se do mundo e não apenas criticar, mas reconhecer que o mundo também tem água e sede, vida espiritual rica e fresca.

Temos de realizar um caminho de diálogo com as diferentes espiritualidades. Eu experimento sede no mundo, sede de sentido e de relações significativas, de abertura à dimensão ética, ao respeito pela natureza, à aposta pelo amor e pela justiça. Experimento abertura à dimensão ritual dos seres humanos. Estes são âmbitos e esferas de cultivo da dimensão espiritual que não hão de ser exclusivos de uma Igreja concreta. A sacramentalização da assistência pode ser um limite na Igreja Católica se não sabe ajustar a preciosa celebração dos sacramentos à experiência espiritual de cada pessoa e família que sofre.

Se Pastoral da Saúde implica relação de ajuda, porque é que as capelanias hospitalares se centram fundamentalmente na área sacramental?

Desgraçadamente, nem sempre os agentes de pastoral receberam a formação adequada para serem peritos em relação de ajuda. Talvez os capelães se tenham centrado sobretudo no âmbito em que se sentiam mais seguros.

Hoje teríamos que reconhecer essa sacramentalidade difusa que existe em toda a intervenção sanadora e no acompanhamento saudável. Eu gosto, por exemplo, de falar das orelhas como "patenas" (nt: prato metálico que cobre o cálice e sobre a qual se coloca a hóstia da missa) para acolher o corpo ferido do Senhor que encontramos em cada pessoa que sofre. Se somos capazes de

fazer do nosso encontro interpessoal, da nossa visita ao enfermo, uma verdadeira eucaristia em que nos encontramos com o coração ferido do Senhor, então a Eucaristia será um dinamismo de fé cristã, não apenas uma celebração.

Para uma espiritualidade sadia é fundamental uma vivência comunitária da fé, isto é, é condição necessária a pertença a uma Igreja?

Pode-se cultivar uma espiritualidade sadia sem pertencer a uma Igreja. No entanto, as religiões, as "re-ligações" (religiões) são – na sua origem – uma estupenda oportunidade de qualquer pessoa se vincular com outras pessoas que se sentem chamadas a "beber água" dos mesmos poços para satisfazer a sede do coração. Não só, mas também, para se sentirem particularmente solidárias com as necessidades do mundo, movidos juntamente pelo coração das crenças que unem os membros de uma mesma Igreja.

Hoje experimento especialmente a necessidade de que na Igreja Católica se cultive uma espiritualidade sadia. Para isso é necessário recorrer ao Evangelho, além de realizar um certo processo de libertação de alguns costumes que se foram adquirindo ao longo do tempo e que, se não centrados realmente no Evangelho, podem ficar obsoletos. A nossa referência é Jesus de Nazaré. Às vezes, tenho a impressão de que chegamos até a esquecê-lo, aumentando tantos outros referentes menores que nos podem captar a atenção.

Como vê o papel dos Institutos Religiosos que trabalham na área da saúde ao nível da assistência espiritual?

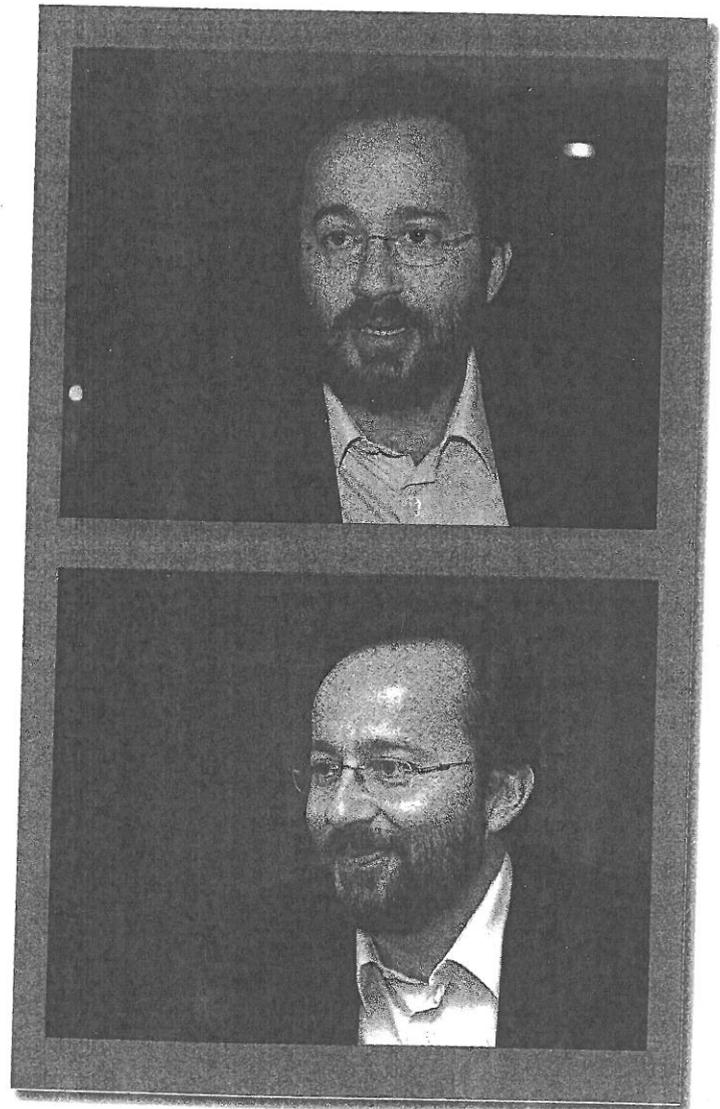
Os Institutos Religiosos constituem uma riqueza na Igreja e no mundo. São um património carismático, tanto dentro do mundo, como da Igreja. Deste património deveríamos estar todos orgulhosos e retirar o melhor de cada organização para o enriquecimento do mundo da saúde. Os fundadores destes institutos são, sem dúvida, referências históricas na evolução dos cuidados de saúde. Os seus seguidores, os religiosos e as religiosas de hoje, são um potencial humanizador para o mundo da saúde. Eles hão-de ser referências privilegiadas no modo de encarnar a espiritualidade no âmbito dos cuidados de saúde.

Hoje em dia, estes Institutos são também prestadores de serviços, com frequência a certos grupos que, de outro modo, ficariam sem assistência. Em outros casos, a existência dos religio-

sos e das religiosas das áreas da saúde e social materializa-se, mais do que num trabalho subsidiário no âmbito assistencial, num trabalho exemplar que reclama o sentido último da acção assistencial em saúde, contribuindo para a sua humanização e reconhecendo a dimensão espiritual como a mais especificamente humana.

A identidade, por parte de quem assiste, favorece ou condiciona a assistência? Porquê?

A identidade da pessoa que assiste influi no modo de atender as pessoas. Ninguém dá o que não tem. Ninguém transmite paz se não tem um pouco de paz dentro de si, ninguém comunica saúde





**HÁ NECESSIDADE DE QUE NA
IGREJA CATÓLICA SE CULTIVE
UMA ESPIRITUALIDADE SADIA.**

se não está a caminho de fazer uma experiência biográfica de saúde. Talvez por isso dizemos também, com a tradição bíblica, "médico, cura-te a ti mesmo".

Talvez por isso também hoje damos tanta importância à inteligência emocional e um dos seus elementos fundamentais é o auto-conhecimento e auto-controlo emocional. Quando a

identidade do agente de saúde está marcada por uma sadia integração dos próprios limites, da própria vulnerabilidade e da própria morte, isto favorece a humanização do encontro interpessoal. O agente de saúde que tem auto-consciência pode perder o sentido do que faz e converter-se num puro técnico da sua tarefa.

O discurso ecuménico aniquila a identidade?

Creio que não. O discurso ecuménico fala da identidade de quem entra nele. Quem se abre ao ecumenismo identifica-se a si como uma pessoa aberta ao diálogo, disposta a crescer e a melhorar. E esta é uma identidade bem concreta e definida: a abertura ao diálogo.

Quem não se abre ao ecumenismo, define uma identidade apagada, empobrecedora. Talvez corra o risco de pensar que a verdade é somente sua e minimizar o valor da relação. Há que ter em conta que a nossa fé cristã reclama a relação por necessidade: o próprio mistério da Trindade no-lo recorda.

A satisfação das necessidades espirituais leva à transcendência? Porquê?

Uma das necessidades espirituais fundamentais é justamente a necessidade de transcender, quer dizer, de ir mais além do que os sentidos vêem. Não só pensando no mais além, mas no que nos está próximo. Transcendemos cada vez que humanizamos o que vemos. Quando num gesto não vemos apenas o que as nossas pupilas retêm, mas interpretamos e lhe damos sentido, estamos transcendendo.

Quando reconhecemos que o amor é maior do que os nossos olhos alcançam e os nossos sentidos experimentam, então transcendemos tudo: ultrapassamos o tempo e o espaço e reconhecemos que o amor tem uma palavra definitiva e mais forte do que a morte e qualquer das suas formas.

Esta transcendência rompe também as barreiras do espaço e do tempo no fim das nossas vidas. Então, o cultivo da nossa vida espiritual projecta-nos mais além da morte, para uma dimensão que apenas conhecemos pelas experiências de amor que fazemos nesta vida, mas que chegaremos a ver quando, para cada um de nós, o tempo terminar. ■